

INCLUSÃO DE AUTISTAS E SEUS DESAFIOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Luanna Raquel Gomes Macedo; Aline da Costa Oliveira; Fernanda Caroline Pereira Silva;
Nathalia Rodrigues Araújo; Tatiana Cristina Vasconcelos

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – luanna_raquel_@hotmail.com

Resumo: Na atualidade, cada vez mais o Autismo tem se tornado um tema de debates nos contextos educacionais e científicos, buscando não só uma maior compreensão deste como também na perspectiva de revelar estratégias para potencializar o desenvolvimento da criança, bem como contribuir com o seu enfrentamento e inclusão junto à família e à escola. A partir desta temática, buscou-se um estudo a respeito das leis que asseguram à educação do indivíduo autista, pois de acordo com a legislação brasileira, toda e qualquer criança, sem nenhuma distinção possui direito a educação, portanto, crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), estão asseguradas pela lei à educação. A sala de aula, como espaço que abrange diferentes culturas, condições sociais e comportamentos, ocasiona algumas dificuldades de aprendizagem e socialização, principalmente quando se faz necessário incluir. O objetivo desse trabalho foi refletir sobre os desafios que professores encontram no processo de inclusão de crianças com TEA. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de Revisão Bibliográfica Integrativa, que iniciou com pesquisas eletrônicas no banco de dados da *Scielo*, posteriormente foi feita uma seleção de periódicos científicos publicados na Revista Brasileira de Educação Especial, nos últimos dez anos. Os principais resultados indicaram que os principais desafios apontados pelos estudos foram relativos à Comunicação, à Interação Social e às especificidades do Comportamento da criança, o que culmina em um desafio mais preponderante no contexto da inclusão escolar. Diante do exposto, destacamos a importância da formação acadêmica de professores, em que os mesmos necessitam de capacitação/formação continuada, que sejam habilitados ética e tecnicamente para lidar com sujeitos diagnosticados com TEA.

Palavras-chave: Autismo, Inclusão, Desafios.

Introdução

A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar vem sendo discutida constantemente, contudo ainda é perceptível que se faz necessário algumas inovações e mudanças nas leis e projetos que assistem a esse público. A sociedade é dinâmica e as mudanças ocorrem repentinamente na educação brasileira, dessa forma a lei maior da educação, LDB 9.394/96, está sendo ultrapassada, ou deixando de atender as necessidades que surgiram após a promulgação da mesma. Compreendemos que a lei assegura, porém não se efetiva, deixando a desejar na realidade escolar. Entre as pessoas com necessidades especiais, estão inclusos os indivíduos com os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD).

Segundo Belisário Filho (2010) os TGD representam uma categoria na qual estão agrupados transtornos que têm em comum as funções do desenvolvimento afetadas. Algumas das categorias apontadas pelo autor desse transtorno de deficiência são: Autismo, Síndrome de Rett, Transtorno de Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação.

A palavra “Autismo” é oriunda do grego *autos* que significa em si mesmo; eu. De acordo com Belisário Filho (2010), esta terminologia foi utilizada pela primeira vez pelo psiquiatra, Eugen Bleuler, em 1911, para caracterizar a perda de contato com a realidade, contudo foi apenas no ano de 1943, que Léo Kanner, um médico, escreveu clinicamente sobre esse transtorno. Léo Kanner, antes de redigir o seu artigo, consultou e observou várias crianças, para então, redigir e publicar o trabalho intitulado como: “Os transtornos autistas do contato afetivo” no ano de 1943. O clínico observou alguns aspectos, como por exemplo: as relações sociais e afetivas, a comunicação e linguagem, a relação com as mudanças no ambiente e na rotina, a memória do indivíduo e a hipersensibilidade a estímulos.

Ainda de acordo com Belisário Filho (2010) o indivíduo que apresenta esse transtorno pode desenvolver um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Além dessas características, ainda podemos observar outras, como nos mostra Santos (2008):

Hipersensibilidade a determinados sons; [...] pode ter aversão ao contato físico, têm tendência para o isolamento; [...] podem andar na ponta dos pés descalços; às vezes, gostam de girar objetos, é comum serem inquietos ou terem comportamentos estranhos; podem ter interesse limitado e alguns têm habilidades especiais (SANTOS, 2008, p. 20-21).

O Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DMS-V / 2014), cita alguns dos sintomas presentes em crianças com esse transtorno, que provoca:

...atrasos no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns [...] padrões estranhos de brincadeiras e padrões incomuns de comunicação, [...] comportamentos estranhos e repetitivos e ausência de brincadeiras típicas tornam-se mais evidentes (p. 56).

O autismo pode se manifestar no indivíduo anteriormente aos três anos de idade, assim quando mais rápido o diagnóstico, mais eficiente o tratamento e condutas a seguirem. Para o diagnóstico clínico do indivíduo autista, é indicado que a avaliação profissional se baseie nos critérios do DMS. O DMS possui cinco eixos, estes com vários critérios. De acordo com a quinta atualização do DMS (2014, p. 50), os cinco critérios diagnósticos analisados são:

A. Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos;

- B. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.
- C. Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida).
- D. Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente.
- E. Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual.

Após o diagnóstico o indivíduo é classificado em um entre os três níveis de gravidade, para então seguir o tratamento. Ainda não existe um tratamento específico para esse transtorno, porém no âmbito educacional existem propostas pedagógicas que auxiliam no desenvolvimento da criança autista, podendo melhor em alguns aspectos. Diante dessas características, é importante que o professor de um aluno autista, mostre interesse, comprometimento e interação com o mesmo, para que assim melhores as chances de ensino-aprendizado. Contudo, é comum vermos cada vez menos o comprometimento do professor com os seus alunos, principalmente com aqueles que necessitam de um pouco mais de atenção, dessa forma é cada vez mais comum vermos as responsabilidades e a culpa serem repassadas para o próximo.

É fácil receber “os alunos que aprendem apesar da escola” e é mais fácil ainda encaminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para o programa de reforço ou aceleração. Por meio dessas válvulas de escapes, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar. Estamos habituados a repassar nossos problemas para outros colegas, os “especializados” e, assim, não recaí sobre nossos ombros o peso das nossas limitações profissionais (MANTOAN, 2003, p. 18).

Dessa forma, fica nítido que o indivíduo autista, independente do seu nível de gravidade, possui um *déficit* em sua comunicação, interação social e comportamento. Por vez, a sua linguagem pode expressar-se de forma oral ou não oral, sendo mais comum a linguagem simbólica para se comunicar, dificultando assim sua aprendizagem escolar. Ademais, cabe destacar que os alunos com o autismo têm algumas habilidades, como o excesso de detalhamento, seja visual ou sensorial, facilidade em entender algum conceito, habilidades artísticas, capacidades de resolução de problemas, entre outros. Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi analisar o que os estudos sobre autismo, realizados entre 2010-2016 e publicados na Revista de Educação Especial abordam, destacando os desafios apontados por estes estudos quanto ao processo de inclusão de autistas.

Metodologia

O presente estudo configura-se como uma Revisão Bibliográfica Integrativa com abordagem qualitativa, pois busca compreender as dificuldades encontradas pelos alunos com o Transtorno do Espectro Autista no processo de inclusão escolar. De acordo com Fonseca (2002, p.32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.

Para a revisão bibliográfica foi realizada uma busca eletrônica no banco de dados *Scielo* (<http://www.scielo.br>), de periódicos publicados nos últimos seis anos (2010-2016). O refinamento de pesquisa nos levou a definir como amostra os artigos publicados apenas pela Revista Brasileira de Educação Especial, tendo como critério de inclusão os artigos com a palavra-chave “autismo”. Assim, foram incluídos no *cópus* do estudo dezessete (17) artigos. Estes foram inicialmente analisados através dos resumos para verificar a adequabilidade de fazer parte deste estudo, em seguida, todos foram lidos e analisados considerando os objetivos, o método de pesquisa adotado e os principais resultados obtidos. Após esta análise os achados foram integrados em busca de identificar os principais desafios apontados pelas pesquisas quanto ao processo de inclusão educacional de crianças e adolescentes autistas.

Resultados e Discussão

Diante da grande repercussão sobre a necessidade de conhecer mais acerca do autismo, destaca-se a importância de estudos que abordem o tema relacionando aos desafios da inclusão e às estratégias de superação destes. Assim, considerando os dezessete (17) artigos publicados na Revista Brasileira de Educação Especial entre os anos de 2010-2016, buscou-se inicialmente caracterizar tais estudos quanto ao percurso metodológico adotado por estas pesquisas. Assim, dez (10) utilizaram a pesquisa de campo como metodologia, quatro (05) fizeram revisão bibliográfica, uma (01) pesquisa documental e apenas um (01) fez o uso da pesquisa experimental. Os estudos de campo, em um resultado geral, contaram com a participação de crianças, professores, familiares, estagiária, profissional especializada em Atendimento Educacional Especializado – AEE, profissionais da área de pediatria, terapia de fala e psicologia e médicos peritos em Perturbações do Espectro Autista – PEA.

Dentre as temáticas abordadas, encontramos uma variabilidade de temas, todas estas relacionadas às características de pessoas autistas.

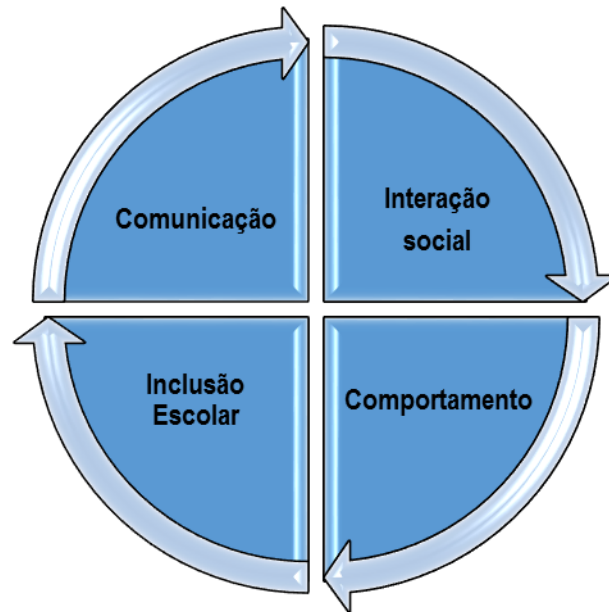


Figura: Principais desafios apontados pelas pesquisas publicadas na Revista Brasileira de Educação Especial de 2010-2016.

Após as leituras e análises dos artigos que foram nosso objeto de estudo, foi possível categorizar os principais desafios apontados pelos autores a respeito do autismo, dentre eles temos: 1) Artigos com desafios educacionais e de inclusão social; 2) Artigos com desafios no desenvolvimento da comunicação; 3) Artigos com desafios na interação social; 4) Artigos com desafios comportamentais.

A categoria referente aos desafios educacionais e de inclusão escolar de indivíduos autistas, apresentou oito (08) resultados. De acordo com a pesquisa de Lima e Laplane (2016), a taxa de evasão escolar de alunos com esse transtorno é alta e inúmeras vezes o processo de escolarização dos mesmos não se conclui, concluindo que a participação desses alunos no ambiente escolar é problemática e pouco inclusiva. Muito se fala de inclusão em leis e diretrizes, contudo a realidade é outra.

Santarosa e Conforto (2015), em seus estudos sobre tecnologias móveis na inclusão escolar, percebeu que mesmo com as limitações que os transtornos causam, todos os alunos possuem o direito de uma inclusão sociodigital, e é papel da escola promover práticas que gerem empoderamento, para se efetivar uma sociedade inclusiva. Como já mencionado, esses sujeitos possuem limitações que prejudicam não só em sua vida social, mas também em sua

escolarização. Enquanto isso, Lourenço et al., em suas pesquisas (bibliografias e de campo), nos anos de 2015 e 2016, ambas com relações a Educação Física, concluiu que existem programas de intervenção que auxiliam aos sujeitos autistas a melhorarem sua proficiência motora, suas potencialidades nos exercícios físicos. Revelando assim que a prática de exercícios, auxiliam não apenas na condição física, mas também na capacitação cognitiva e sensorial.

Nunes e Walter (2016), em sua pesquisa bibliográfica, identificaram que existe sim, uma dificuldade na aprendizagem de alunos autistas, contudo a mesma informou que existe uma necessidade de capacitar os professores, para que eles consigam identificar as necessidades, especificamente de leitura, dos alunos autista, buscando sempre estratégias de intervenção. Enquanto isso Gomes e Souza (2016) nos informam que alguns procedimentos simples, como leitura combinatória e leitura com compressão, favorecem a aprendizagem de alunos autistas. Muitos dos professores que ensinam a esses alunos, não estão preparados que os assistirem, por isso Favoretto e Lamônica (2014), em sua pesquisa sobre “Conhecimentos e Necessidades dos professores em Relação ao Transtorno do Espectro Autístico” chegou à conclusão que os professores ainda são carentes de informações sobre esses sujeitos e sugeriu a elaboração, através de recurso teleducação, de um curso de difusão de conhecimento para esses professores. Já Gomes e Mendes (2010), confirmam que algumas estratégias ajudam a favorecer a assiduidade dos alunos, mas sua participação, interação e aprendizagem é limitada, por isso sempre é necessário mais conhecimento e adequação para os mesmos.

No que diz respeito aos desafios relacionados ao desenvolvimento da comunicação, cinco (05), dos dezenove artigos analisados, relacionaram em sua pesquisa a comunicação dos sujeitos autistas. O prejuízo na comunicação é uma característica comum para esses indivíduos, Reis, Pereira e Almeida (2016), nos confirmam essa informação afirmando que: “todas crianças com Perturbações do Espectro Autista (PEA), apresentam de forma mais ou menos evidente, dificuldades na comunicação social”, portanto se faz necessário uma intervenção, com a finalidade de auxiliar na potencialização do envolvimento da criança, dando a mesma oportunidade de desenvolver sua dimensão comunicativa.

É certo que existem técnicas, instrumentos e programas que auxiliam a acessão da comunicação desses sujeitos, como é o caso do “Picture Exchange Communication System” (PECS), que segundo Mizael e Aiello (2013), “é um sistema de comunicação que ressalta a relação interpessoal, em que ocorre um ato comunicativo entre o indivíduo com dificuldades

de fala e um adulto, por meio de trocas de figuras.”, o mesmo realizou uma revisão bibliográfica sobre o referido instrumento e concluiu que sim, o mesmo apresenta eficácia no ensino da comunicação a indivíduos com autismo e pouca fala funcional. Um outro programa de comunicação é o “Programa de Comunicação Alternativa e Ampliada Familiar” (ProCAAF), que de acordo com a pesquisa de campo de Walter e Almeida (2010), a utilização desse programa apresentou resultados satisfatórios já que após a análise dos dados foi possível observar a superação de algumas prioridades comunicativas, houve melhorias na qualidade de vida do sujeito autista e aumentou as tentativas nos atos de comunicação entre os familiares. A autora referida anteriormente ainda sugeriu que professores e outros familiares fizessem o uso do programa, na intenção de melhorar o processo de inclusão.

Ainda relacionado à Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), Nunes e Nunes Sobrinho (2010), realizou uma pesquisa bibliográfica sobre o referido tema, e concluiu que as pesquisas analisadas sobre a Comunicação Alternativa e Ampliada, analisando as melhores práticas adotadas pelos programas de intervenção para esta população, escrevem medidas de generalização de comportamento após a intervenção e ainda os autores afirmam a escassez de pesquisas de grupo em população de autistas. Togashi e Walter (2016) acrescentam que a comunicação é um fator indispensável para a inclusão escolar dos mesmos.

No que diz respeito às especificidades da interação social, constatamos que três (03) artigos apresentam este aspecto nos resultados como um desafio. É comum que indivíduos com esse transtorno apresentem certa dificuldade na interação social, contudo, Bagarollo e Panhoca (2010) mostra-nos em seu estudo que é corriqueiro a interação social desses sujeitos restringir-se a família, não existe uma convivência com outro grupo. Como, na maioria das vezes, o contato social está relacionado apenas a família é extremamente comum que no âmbito escolar, essa interação seja dificultosa.

Lemos, Salomão e Agripino Ramos (2014), concluíram que essas interações e comportamentos são influenciadas pelo contexto interativos e também de como os professores mediam esse momento, acrescentando esse pensamento, Nascimento et al. (2015) indica que além dos contextos sociais e o comportamento do adulto, o perfil da criança também influencia na promoção de interações. Os autores indicam ainda quais estratégias de intervenção sejam utilizadas para favorecer a interação social, a aprendizagem e o processo de inclusão escolar, como por exemplo, a utilização de uma educação musical e atividade que envolve músicas.

Novamente, Bagarollo et al. (2013), nos mostra, contudo em outro estudo, que a intervenção de um terapeuta na interação social é de extrema importância, pois o mesmo irá contribuir na significação às ações da criança.

Sobre a quarta categoria relacionada aos desafios comportamentais, foi encontrado um (01) artigo. Nascimento et al. (2015), pesquisou sobre os Comportamento de Crianças do Espectro do Autismo com seus Pares no Contexto de Educação Musical, e na análise dos resultados de sua pesquisa, concluiu que:

a participação em uma tarefa estruturada, que permite o trabalho com parceiros de mesma faixa etária, pode contribuir para a aquisição, manutenção e aprimoramento de comportamentos já apresentados pela criança, sendo necessária, entretanto, uma frequência contínua, a fim de que os aprendizados sejam explorados e mantidos (NASCIMENTO, 2015, p. 105).

Diante desses desafios elencados pelas pesquisas, não podemos deixar de notar que todos estão relacionados com os desafios educacionais e de inclusão escolar. Assim, percebe-se que um dos maiores entraves para a escolarização dos autistas é a inadequada formação de profissionais de educação considerando que existem poucas orientações, conhecimentos e até mesmo formação. Por esses motivos, muitos dos professores, baseiam sua prática a cega, em intuições, por isso se faz necessário a presença de um profissional especializado para ajudar a conduzir esse processo, mas o professor deve lembra-se que a função de ensinar é sua. A função do cuidador é de auxiliar em atividades básicas ao aluno que demanda desse atendimento. Sendo assim, o professor que não possui o auxílio de um cuidador em sua sala de aula, fica sobrecarregado, tendo assim que desempenhar todo o trabalho sozinho, este (trabalho) que muitas vezes não sai como o planejado, idealizado.

A formação docente está estreitamente relacionada com as diversas dificuldades encontradas pelos professores na inclusão. De acordo com a Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001:

Parágrafo 1º. Artigo 18 - São considerados professores capacitados para atuar em classes comuns com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais aqueles que comprovem que, em sua formação, de nível médio ou superior, foram incluídos conteúdos sobre educação especial adequados ao desenvolvimento de competências e valores.

Essa mínima formação em educação especial vista em poucas horas curriculares, não é suficiente para a inclusão do aluno na sala de aula regular, tendo em consideração que muitas das vezes o professor não faz uma formação continuada na área específica ficando apenas com conhecimentos repassados superficialmente. Mesmo estando inclusos em uma classe em que são conhecidos por características e necessidades comuns aquele grupo, cada indivíduo

possuí seu desenvolvimento cognitivo, necessidades e forma de se comportar socialmente próprio, dessa forma, antes de aplicar ou desenvolver um projeto ou atividade o aluno autista ou com alguma necessidade especial, é necessário que o professor observe antecipadamente seus comportamento e personalidade, para então analisar se a atividade irá auxiliar no desenvolvimento do aluno.

Partindo desse exposto, Bereohff (1994), indica a elaboração de um Planejamento Individual de Ensino (PIE), este de extrema importância, pois a partir do mesmo que dificuldades iram diminuir/cessar, na medida em que esse planejamento está adequado as necessidades particulares do indivíduo, explicitando os objetivos que a escola deseja alcançar.

A elaboração do Planejamento Individual de Ensino deverá levar em consideração os pontos fortes e fracos do aluno, selecionando-se de estratégias adequadas e preservando-se a condição de um processo flexível e dinâmico. A metodologia deve ter como referência o concreto, o vivencial e o funcional (BEREOHFF, 1994, p. 25).

O PIE não está relacionado apenas aos pontos fracos (necessidades) que os alunos autistas dispõem, mas sim também as suas qualidades, as operações que eles já conseguem desenvolver, para que assim o planejamento melhore o que o aluno já desenvolve e auxilie naquilo que ele ainda não consegue fazer. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) afirmam que deve existir uma adaptação curricular que possibilite combater as dificuldades de aprendizagens dos alunos com necessidades educativas especiais, possibilitando-os uma melhor aprendizagem.

Pressupõem que se realize a adaptação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos (BRASIL, 1998, p. 33).

Talvez esse seja um dos problemas encontrados pelos professores, promover um planejamento que atenda a todos os seus alunos seja eles com necessidades especiais ou não, desconhecimento de métodos que auxiliem no desenvolvimento de alunos especiais, como também a ausência de um profissional especializado (cuidador) ou a lacuna na formação docente e na formação continuada de professores.

Considerações Finais

Após a leitura dos artigos já referidos, percebemos o imenso encadeamento de desafios encontrados pelos professores, estes relacionados a interação social, ao

desenvolvimento da comunicação, alterações comportamentais e desafios educacionais, ambos refletem conseqüentemente no processo de inclusão escolar.

Foi possível observar que os desafios educacionais são os mais citados, estando atrelado à problemas de formação/capacitação inicial e continuada de professores para lidar com sujeitos com o transtorno autista, sendo assim, muitas vezes os docentes não sabem que metodologia, recursos, estratégias e programas de intervenções utilizarem para ajudar no desenvolvimento educacional do aluno; outro desafio são as leis que não se efetivam na prática. Os pesquisadores também apontaram que existe uma falta de conduções de práticas que levem ao empoderamento do autista.

Esses desafios já mencionados, não são insuperáveis, existem inúmeras possibilidades para combatê-los, promovendo assim uma inclusão escolar, a exemplo de melhorias nas formações iniciais e capacitações continuadas, intervenções de especialistas, outra possibilidade é a difusão de cursos que capacitem aos profissionais a fazerem usos de recursos e programas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem e além desses já citados a importância da ampliação de estudos na área, com a finalidade de conhecer mais sobre o assunto.

Referências

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-V)**. Porto Alegre: ArtMed, 2014.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília, Ministério da Educação, 2010.

BEREOHFF, Ana Maria P. **Autismo: uma história de conquistas**. IN: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Tendências e desafios da educação especial. Org. Eunice M. L. Soriano de Alencar. Brasília: SEESP, 1994.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 17 fev. 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 17 fev 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Adaptações curriculares estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

SANTOS, Ana Maria Tarcitano Dos. **Autismo: Desafio na Alfabetização e no Convívio Escolar.** CRDA, SÃO PAULO, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

NUNES, Débora Regina de Paula; WALTER, Elizabeth Cynthia. **Processos de Leitura em Educandos com Autismo: um Estudo de Revisão.** *Rev. bras. educ. espec.*, dez. 2016, vol.22, no.4, p.619-632.

TOGASHI, Cláudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. **As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo.** *Rev. bras. educ. espec.*, set. 2016, vol.22, no.3, p.351-366.

REIS, Helena Isabel da Silva, PEREIRA, Ana Paula da Silva; ALMEIDA, Leandro da Silva. **Características e Especificidades da Comunicação Social na Perturbação do Espectro do Autismo.** *Rev. bras. educ. espec.*, set. 2016, vol.22, no.3, p.325-336.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar.** *Rev. bras. educ. espec.*, mar. 2014, vol.20, no.1, p.117-130.

FAVORETTO, Natalia Caroline; LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin. **Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico.** *Rev. bras. educ. espec.*, mar. 2014, vol.20, no.1, p.103-116.

GOMES, Camila Graciella Santos; SOUZA, Deisy das Graças de. **Ensino de Sílabas Simples, Leitura Combinatória e Leitura com Compreensão para Aprendizagem com Autismo.** *Rev. bras. educ. espec.*, jun. 2016, vol.22, no.2, p.233-252.

LIMA, Stéfanie Melo; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. **Escolarização de Alunos com Autismo.** *Rev. bras. educ. espec.*, jun. 2016, vol.22, no.2, p.269-284.

LOURENÇO, Carla Cristina Vieira et al. **A Eficácia de um Programa de Treino de Trampolins na Proficiência Motora de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo.** *Rev. bras. educ. espec.*, mar. 2016, vol.22, no.1, p.39-48.

SANTAROSA, Lucila Maria Costi; CONFORTO, Débora. **Tecnologias móveis na inclusão escolar e digital de estudantes com Transtornos de Espectro Autista.** *Rev. bras. educ. espec.*, dez. 2015, vol.21, no.4, p.349-366.

NASCIMENTO, Paulyane Silva do et al. **Comportamentos de Crianças do Espectro do Autismo com seus Pares no Contexto de Educação Musical.** *Rev. bras. educ. espec.*, mar. 2015, vol.21, no.1, p.93-110.

LOURENÇO, Carla Cristina Vieira et al. **Avaliação dos Efeitos de Programas de Intervenção de Atividade Física em Indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo.** *Rev. bras. educ. espec.*, jun. 2015, vol.21, no.2, p.319-328.

MIZAEL, Tâhcita Medrado; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. **Revisão de estudos sobre o Picture Exchange Communication System (PECS) para o ensino de linguagem a indivíduos com autismo e outras dificuldades de fala.** *Rev. bras. educ. espec.*, dez. 2013, vol.19, no.4, p.623-636.

BAGAROLLO, Maria Fernanda; RIBEIRO, Vanessa Veis; PANHOCA, Ivone. **O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural.** *Rev. bras. educ. espec.*, mar. 2013, vol.19, no.1, p.107-120.

WALTER, Cátia; ALMEIDA, Maria Amélia. **Avaliação de um programa de comunicação alternativa e ampliada para mães de adolescentes com autismo.** *Rev. bras. educ. espec.*, dez. 2010, vol.16, no.3, p.429-446.

GOMES, Camila Graciella Santos; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte.** *Rev. bras. educ. espec.*, dez. 2010, vol.16, no.3, p.375-396.

NUNES, Débora Regina de Paula; NUNES SOBRINHO, Francisco de Paula. **Comunicação alternativa e ampliada para educandos com autismo: considerações metodológicas.** *Rev. bras. educ. espec.*, ago. 2010, vol.16, no.2, p.297-312.

BAGAROLLO, Maria Fernanda; PANHOCA, Ivone. **A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida.** *Rev. bras. educ. espec.*, ago. 2010, vol.16, no.2, p.231-250.